

ENTRE RISOS: MEMÓRIAS DE CASTIGOS ESCOLARES (1940-1975)

MEMORIES OF SCHOOL PUNISHMENT: NOW LAUGHING ABOUT IT (1940-1975)

Daniela Eli
Clarícia Otto

Universidade Federal de Santa Catarina



Resumo

Este artigo apresenta parcela dos resultados de uma pesquisa acerca das memórias de oito ex-alunos sobre seus tempos de escola. De modo particular, esses oito entrevistados falaram a respeito de suas lembranças relacionadas aos castigos escolares, relativamente aos anos em que frequentaram o Grupo Escolar Nossa Senhora do Sagrado Coração, entre 1940 e 1975, no atual município de Angelina, estado de Santa Catarina. As memórias são compreendidas na perspectiva da memória coletiva, de acordo com Halbwachs (2006) e da memória trabalho, na acepção de Bosi (2009). No que concerne aos castigos físicos, entre outros, Foucault (1994) foi tomado como referência. Observou-se que, mesmo proibidos por lei, os castigos escolares, físicos ou morais, estavam presentes na referida instituição de ensino, ainda na primeira metade do século XX, sendo paulatinamente substituídos pela disciplina. Curiosamente, os entrevistados rememoram, com humor, os castigos aos quais foram submetidos.

Palavras-chave: Memórias, Castigos, Disciplina.

Abstract

This article presents part of the results of a study about the memories of eight former students about their school days. These eight interviewees speak in a particular manner about their memories of school punishments during their years in the school Grupo Escolar Nossa Senhora do Sagrado Coração, from 1940 to 1975, in the current municipality of Angelina, in Santa Catarina. The memories are understood from the perspective of collective memory, in accord with Halbwachs (2006) and of work memory, in Bosi's definition (2009). Concerning the physical punishments, Foucault (1994) was one of a few references. It was observed that although prohibited by law, school punishments, physical or moral, were present in the school in question, in the first half of the 20th century, and were gradually substituted by discipline. Curiously, the interviewees recall, with humor, the punishments to which they were submitted.

Keywords: Memories, Punishments, Discipline.

Introdução

Nas provas do terceiro ano, as distinções foram tão numerosas, que me vejo ter às mãos uma, sem escândalo aliás, que desde muito perdera o medo e começava a quadrar-me a *aisance* das demonstrações, como um mal contaminado do diretor. Fiz um figurão, apanhei a deliciosa nota, que levei a mostrar em casa, como um bichinho raro, mimando-lhe o pêlo fino, beijocando-lhe a focinheira. Sanches teve louvor; Maurílio, louvor; Cruz, louvor também, graças à especialidade da cartilha, em que era provector, espantando a comissão julgadora com a ladainha toda de Nossa Senhora e ameaçando-nos com o calendário de cor (POMPÉIA, 2006, p. 127).

Raul Pompéia, no romance autobiográfico – *O Ateneu* – de 1888, é o personagem narrador (Sérgio), que rememora o período em que viveu num internato para meninos, o Colégio Abílio (O Ateneu), no Rio de Janeiro, entre os anos 1873 e 1870. Tomando a memória como fio condutor do romance, Raul Pompéia entrelaça uma sucessão de narrativas nas quais apresenta personagens e um conjunto de situações do cotidiano escolar do Ateneu: o austero e todo-poderoso diretor Aristarco, os colegas Rebelo, Sanches, Bento Alves, Franco, Dona Ema, a disciplina, as regras, as premiações, entre outros.

A leitura do romance *O Ateneu* provocou-nos a adentrar não somente nos documentos produzidos no interior da atual Escola de Educação Básica Nossa Senhora, em Angelina (SC), mas também trabalhar com memórias de ex-alunos relativamente a seus tempos de escola, entre 1940 e 1975, época em que a instituição possuía outras denominações¹. Neste artigo, utilizaremos

1 Escola Particular Simples de Angelina (1939-1942); Grupo Escolar Nossa Senhora (1943-1948); Escolas Reunidas Professor João Secundino Peixoto (1949-1956); Grupo Escolar Nossa Senhora do Sagrado Coração (1957-1970); Escola Básica Nossa Senhora do Sagrado Coração (1971-1982).

o nome da instituição do período de maior abrangência em relação ao recorte temporal, Grupo Escolar Nossa Senhora do Sagrado Coração.

Os entrevistados constituíram um grupo de sete mulheres e um homem, com idades variando entre 43 e 82 anos, sendo “fundamental assinalar que o importante não foi a quantidade das lembranças”, mas, o fato de o grupo rememorar sobre “o mesmo tempo e o mesmo espaço”, o da escola que frequentaram quando crianças (GRAZZIOTIN, 2010, p. 23). Para a entrevista, elaboramos um roteiro com duas questões abertas, compostas de forma que o entrevistado pudesse narrar suas memórias como desejasse: (a) Gostaria que falasse sobre suas lembranças dos anos em que estudou no Grupo Escolar Nossa Senhora do Sagrado Coração, indicando o que foi marcante nessa época. (b) Em especial, gostaria que falasse sobre a disciplina, se havia castigos, punições, o que se exigia das crianças para que fossem vistas como bons alunos.

As entrevistas foram gravadas em forma de áudio, e as transcrições realizadas nos dias subsequentes para que fosse possível capturar da memória das pesquisadoras aspectos observados no momento da gravação, tais como gestos, risos, silêncios, emoções, exclamações, entre outros. Convém informar, do mesmo modo, que o projeto de pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética da instituição à qual estamos vinculadas e que os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Compreendemos, assim como Alberti (2004, p. 15), que “a entrevista nos revela pedaços do passado, encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito. Através desses pedaços temos a sensação de que o passado está presente”. Assim, no processo de rememoração, há um trabalho de (re)

viver e (re)fazer detalhes do vivido, sempre de forma descontínua, muito embora sempre num esforço de recuperação em forma de sínteses, como se fosse possível o restabelecimento da continuidade do que se viveu no passado.

Todavia, conforme Alberti (2004), o que fascina numa entrevista é a experiência do entrevistado e a sensação de que, pelas suas memórias, podemos reviver o passado. Igualmente, Gaspar da Silva e Schüeroff (2010, p. 33) esclarecem que as entrevistas possibilitam identificar

práticas do cotidiano escolar que possivelmente não encontraríamos em outros suportes, como, por exemplo, o uso de castigos físicos no ensino primário como meio para disciplinar a criança, mesmo depois de proibido legalmente. O castigo físico, como a palmatória, era uma prática proibida se tomarmos como referência os documentos oficiais; já a história oral nos revela que seu uso permaneceu nas escolas por um longo período, a despeito da proibição.

Dessa forma, tanto as narrativas dos entrevistados “revivendo” o passado quanto o *corpus* documental do acervo da Escola de Educação Básica Nossa Senhora permitiram o rastreamento de um conjunto de práticas da educação escolarizada, de códigos e de estratégias de docilização de sujeitos, os quais podem ser vinculados ao que Foucault (1993) denominou de a arte de governar comportamentos e condutas. Ou ainda, das possibilidades diante do poder, de podermos “sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa” (FOUCAULT, 1993, p. 241).

Muito embora distinto do Colégio Abílio, do Rio de Janeiro, no século XIX, no Grupo Escolar Nossa Senhora do Sagrado

Coração, os elogios e a disciplina também figuravam entre as estratégias pedagógicas para incitar, mobilizar, produzir ação e bons comportamentos. Tanto a documentação escrita – relatórios, atas, boletins, jornal escolar, decretos, leis, regimentos –, quanto as fontes orais estão permeadas dessas práticas.

Como os entrevistados concebem suas vivências dos tempos de escola

Os dispositivos disciplinares que figuravam no cotidiano escolar do Grupo Escolar Nossa Senhora do Sagrado Coração constituíam-se em recursos, tais como organização do espaço escolar, exames, premiações, controle do tempo e do corpo, entre outros, todos com a finalidade de educar os alunos.

A disciplina produz, a partir dos corpos que controla, quatro tipos de individualidade, ou antes, uma individualidade dotada de quatro características: é celular (pelo jogo da repartição espacial), é orgânica (pela codificação das atividades), é genética (pela acumulação do tempo), é combinatória (pela composição das forças). E, para tanto, utiliza quatro grandes técnicas: constrói quadros; prescreve manobras; impõe exercícios; enfim, para realizar a combinação das forças, organiza ‘táticas’. A tática, arte de construir, com os corpos localizados, atividades codificadas e as aptidões formadas, aparelhos em que o produto das diferentes forças se encontra majorado por sua combinação calculada é sem dúvida a forma mais elevada da prática disciplinar. (FOUCAULT, 1994, p. 150)

O regimento interno, em seu artigo 182, apresenta a seguinte diretiva: “os professores devem lembrar que a melhor recompensa, a mais adequada para estimular

e mobilizar o aluno e aos colegas presentes, de que o elogiado fez verdadeiramente uma coisa digna de louvor”.

O artigo 192 do mesmo regimento elenca as modalidades de premiações a serem utilizadas: (1) elevação das notas no boletim mensal, quando houvesse esforço e dedicação nos seus deveres; (2) elogio perante a classe, quando mantivessem suas “notas ótimas em comportamento e aplicação”; (3) elogio perante a secção (feminina e masculina), quando mantivessem suas notas por três meses; (4) elogio perante todos os alunos da instituição, quando, além das notas ótimas em comportamento e aplicação, o aluno apresentasse “o boletim do trimestre sem uma só falta”. Por fim, como prêmio máximo, os alunos que tivessem o desempenho descrito anteriormente, por dois trimestres, teriam seus nomes escritos no Livro de Honra da instituição.

A indicação do cotidiano escolar de alunos imersos em elogios e premiações é constante. Nas atas de reuniões pedagógicas aparecem as decisões relativas aos procedimentos que apontam nessa linha. Por exemplo, na ata da nona reunião pedagógica, em 1950, “ficou estabelecido que, para prêmio dos alunos, as mestras devem levar em conta as notas de comportamento e aproveitamento geral e, raras vezes, dêem presentes” (LIVRO DE ATAS, 1949-1960, s. p.).

Entre os prêmios oferecidos, registros indicam produtos de higiene pessoal, tais como sabonetes e creme dental. A entrevistada Maria Elisabete relatou quais eram as características do aluno tido como bom e merecedor de elogios por ser disciplinado: “era aquele que não incomodava muito, que trazia todos os deveres prontinhos, que fazia seus trabalhos e que terminava primeiro”². Nessa direção, Souza (2001, p.

293) apresenta as seguintes características do bom aluno:

Ser disciplinado consistia basicamente em respeitar o modelo imposto e não se desviar das prescrições e normas escolares. Não era ser inquieto, barulhento, agitado demais, nem sequer, apático e passivo. Era preciso respeitar as regras, mostrar-se educado, interessado, respeitador, sadio, asseado e religioso. Ser estudioso não parecia ser uma característica importante, o que se percebe é que a bondade e a obediência teriam maior significado na identificação do bom aluno.

Tais características estão no bojo dos elementos indicados por Foucault, práticas e saberes que foram produzindo o sujeito moderno nos últimos quatro séculos. Veiga-Neto (2003, p. 17-18) atesta que é “com base em Foucault que se pode compreender a escola como uma eficiente dobradiça capaz de articular os poderes que aí circulam com os saberes que a enformam e aí se ensinam, sejam eles pedagógicos ou não”.

No livro de atas, no qual consta o relatório anual de atividades escolares de 1954, estão descritos, em itens, os assuntos tratados nas reuniões pedagógicas. O item c trata dos recreios: “houve boa cooperação nos recreios entre professores e alunos”. É constante encontrar, nos livros de atas de reuniões e relatórios anuais, estratégias para a divisão do trabalho de vigilância dos estudantes:

Disciplina: a) nas aulas: sempre tem sido boa; os alunos se mostraram obedientes e educados. Por parte do corpo docente houve muita colaboração e esforço. As professoras procuraram sempre tornar suas aulas agradáveis e ativas. b) nos recreios: os alunos sempre tomaram parte ativa em todas as atividades organizadas pela ‘Liga Pró-Lín-

2 Entrevista concedida por Maria Elisabete Goetmann. São José, 30 de maio de 2013.

gua Nacional' ou jogos organizados pelas professoras. c) nas formaturas: sempre foram comportados e obedientes. d) nas festas escolares: em todas as datas nacionais mais importantes foram promovidas festas escolares, mas os alunos tomaram parte com muito prazer. (RELATÓRIO, 1960, s/p.)

A fila ocupa lugar central nas práticas escolares. Organizava-se fila para entrar na sala de aula, para sair da sala e da escola e em celebrações diversas. Em todos os momentos em que os alunos precisavam deslocar-se pelo espaço físico, era necessário constituir fila a fim de situar, de modo organizado, o corpo individual no coletivo.

Era organizada de acordo com a estatura dos alunos, iniciando do mais baixo para o mais alto e pela separação entre os sexos, meninos numa fila e meninas em outra. Quando enfileiradas, as crianças deveriam permanecer em silêncio. Ester Dias relata: “nós fazíamos fila normal, antes de entrar era feito fila. E, em alguns dias, era hasteada a bandeira e cantado o hino. Os avisos também eram dados enquanto a gente estava em fila”³. No relatório de 1953, o item que trata da organização estabelece que “os alunos são bons, obedientes e acatam as ordens dos mestres. Há silêncio nas filas e nos varandões”. Na quarta reunião pedagógica de 1954, deliberou-se novamente que “as crianças, ao meio dia, devem seguir em fila até o portão quando vão para casa” (REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1954, s. p.).

Observamos as narrativas dos entrevistados em consonância com as escritas ordinárias conservadas pela instituição⁴. Também Roseli Maria relembra seus tempos no Grupo Escolar Nossa Senhora do Sagrado Coração, indicando para a existência da fila:

Era formado fila na entrada, por cada série, desde a primeira até o último ano. Todos em fila indiana. Às vezes era feito uma oração, ou cantado o Hino Nacional, conforme a data. Depois, cada professora levava sua turma para sala de aula, tudo em fila indiana e em silêncio. Sem fazer barulho⁵.

Outra técnica do poder disciplinar era a utilização do tempo como aliado para o controle do corpo. Todas as atividades escolares eram delimitadas por tempos específicos para cada ação: o período anual, o soar das sinetas, as horas de aula, minutos de recreio, prazos de entrega de atividades, tempo de ser castigado, tempo para ser premiado, o exame final.

No Grupo Escolar Nossa Senhora do Sagrado Coração, o tempo do cotidiano escolar era minuciosamente detalhado com horários de entrada e saída, bem como as aulas de 45 minutos, com tarefas a serem realizadas e entregues no decorrer da aula. Exemplo disso são os ditados, que deveriam ser aplicados pela professora de língua nacional todas as segundas-feiras (LIVRO DE ATAS, 1960-1969, s. p.). O civismo e o amor à Pátria igualmente eram incutidos nos alunos. Maria Nilva relata como eram os preparativos para a marcha do Dia da Independência do Brasil:

Era cantado o Hino Nacional, pensa num sete de setembro bonito. Era assim, aqueles pelotões, tudo organizado, não é assim a bagunça que é hoje em dia. Naquela época a gente marchava e não saía um dedinho da linha do pelotão. Aquilo era retinho. Era até bonito de ver, realmente!⁶.

3 Entrevista concedida por Ester Goetmann Dias. Angelina, 27 de julho de 2013.

4 As escritas ordinárias são aquelas produzidas sem a intenção de escrever uma obra para ser impressa.

5 Entrevista concedida por Roseli Maria Eli. São José, 30 de maio de 2013.

6 Entrevista concedida por Maria Nilva Fermiano. Angelina, 27 de julho de 2013.

“Castigo? na minha época não existia isso!”⁷

Muito embora os castigos físicos estivessem proibidos por lei, diversas pesquisas, como, por exemplo, a de Souza (2001), indicam que, ainda no século XX, eles vigoravam nas práticas escolares. Assim, eram vistos como práticas comuns, no sentido de castigar para mudar o comportamento da criança, para corrigir costumes considerados inadequados ou mesmo para obrigar que ela aprendesse.

No que diz respeito a leis e decretos, no Brasil, os castigos físicos foram proibidos com a Lei Imperial, de 15 de outubro de 1827, mais precisamente em seu artigo 15, sendo permitido em seu lugar o castigo de cunho moral, utilizado com a intenção de envergonhar e até mesmo humilhar as crianças, tendo como base o método Lancaster, que vigorou no Brasil, ao longo de 1823 a 1838⁸.

Em Santa Catarina, em 1914, por meio do primeiro Regulamento dos Grupos Escolares ficou terminantemente proibido que professores e diretores aplicassem castigos físicos aos alunos de instituições educacionais (SANTA CATARINA, 1914, p. 39). No entanto, as pesquisas de Schüeroff (2006) e Gaspar da Silva e Schüeroff (2010), realizadas em escolas públicas de Santa Catarina, indicam a existência dessas práticas nas instituições de ensino até a década de 1970. Segundo Aragão e Freitas (2012, p. 32), discutir acerca dos castigos escolares,

nos remete a ampliar os estudos para as representações historicamente construídas sobre educação, escola,

7 Fragmento da entrevista concedida por Maria Nilva Fermiano. Angelina, 27 de julho de 2013, p. 2.

8 O método Lancaster, também conhecido como método mútuo, foi fundado pelo educador inglês Joseph Lancaster. O objetivo central era que os alunos ensinassem uns aos outros; os mais adiantados (monitores) auxiliavam os que não acompanhavam a classe.

criança e professor, além de considerar a docência e sua articulação com o ambiente doméstico. Estimula, também, a refletir sobre as práticas disciplinares utilizadas ao longo dos séculos, bem como sobre os processos de escolarização a partir da instituição da escola moderna e suas decorrências sociais.

No século XX, os castigos morais e o processo de disciplinamento do corpo e da mente passaram a ter mais espaço nas escolas, em detrimento dos castigos físicos. Exemplos dessas práticas foram o privar o aluno do recreio, de se alimentar, fazê-lo permanecer na sala após o fim das aulas, reescrever incansavelmente os erros cometidos, suspensão e expulsão. Todavia, conforme Dalcin (2005, p. 644),

houve momentos em que a prática de um sublimou a legalidade do outro (castigos físicos em detrimento do moral), e momentos outros, em que um discurso que se espalhava em âmbito nacional, sobre a necessidade de civilizar e formar na nação brasileira acentuou o incentivo do uso do castigo moral, que, no final da década de 1870, passou a ser designado como castigo moderno. Porém, é sabido que ele já existia, o que indica que somente o discurso em torno do seu uso foi ressignificado.

Ao privilegiarmos as formas como os entrevistados concebem as vivências do passado, identificamos, igualmente, que suas memórias não estão isoladas, encontram suporte num grupo de pertencimento, nesse específico, o grupo da escola. Nessa direção, tal como pontua Halbwachs (2006, p. 69), “são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo”. Nesse sentido, para o autor, a memória de cada pessoa é um ponto de vista da memória social.

Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

De acordo com Halbwachs (2006), a memória individual está intimamente relacionada aos grupos de convivência e ao lugar social que os sujeitos ocuparam quando estavam nesses grupos. A memória individual não deixa de existir, mas está relacionada aos diferentes contextos, lugares e pessoas do círculo de vivência do sujeito. A memória individual partilha de um conjunto de acontecimentos que pertence a um grupo. Quando se remetem às lembranças escolares, os sujeitos conseguem fazer relações entre variados aspectos de sua vivência quando criança e também da vivência de seus colegas.

Segundo Nunes (2003, p. 15), as instituições escolares são “‘celeiros’ de memórias, espaços nos quais se tece parte da memória social [...]. Os códigos desse universo transparecem na definição de um espaço que lhe é próprio, no uso do tempo, nas regras disciplinares, nas vestimentas específicas e numa pluralidade de objetos”.

Maria Nilva Fermiano, ao ser indagada se havia sido castigada ou presenciado alguém sendo punido no Grupo Escolar Nossa Senhora do Sagrado Coração, num ar de espanto afirma: “Castigo? Na minha época não existia isso!”. Nessa primeira exclamação, diz nunca ter sido castigada, como também nunca ter presenciado tal acontecimento. Todavia, ao

longo da entrevista, vai fornecendo outras informações, contribuindo, assim, para a ampliação do quadro relativo às memórias de seus tempos de escola:

Eu na verdade nunca fui castigada, mas tinha aquela reguada na mão. Aquelas ponteiradas vinham e nós gritávamos. O Valério (irmão da entrevistada) acho que foi o que mais apanhou. Daí, assim, que eu me lembre era mais isso, puxão de orelha. Acho que eu ganhei vários puxões de orelha. Era conversado também, se fosse muito grave também iria suspenso⁹.

As memórias de Maria Nilva fornecem o indicativo de que estava dentro da normalidade o professor utilizar estratégias, como, por exemplo, puxão de orelha e instrumentos como a ponteira¹⁰ para exigir ordem e disciplina na sala de aula: as “professoras eram meio bravas com quem precisava, mas no mais era tudo normal”¹¹. Observamos que essas ações estavam postas no cotidiano escolar e, para frequentar esse ambiente, os pais e alunos teriam de aceitar tais práticas. Igualmente, Maria Aparecida acreditava que estava na ordem da normalidade permanecer fora da sala de aula quando da punição por mau comportamento:

A gente não pegou mais a época da reguada, a gente não apanhava quando fazia algum barulho ou alguma coisa. Ia para a secretaria, e era conversado, chamava os pais. No meu caso era mãe, porque eu era filha adotiva. Eu particularmente vou falar de mim, eu não

9 Entrevista concedida por Maria Nilva Fermiano. Angelina, 27 de julho de 2013.

10 Instrumento de madeira, utilizado para apontar, para indicar palavras na lousa ou conteúdos em algum material, tal como cartazes fixados nas paredes da sala de aula.

11 Entrevista concedida por Ester Goetmann Dias. Angelina, 27 de julho de 2013.

recebia muitos castigos. Só que eu era assim, muito dinâmica e conversadeira. Aí, às vezes, mandavam eu me sentar do lado de fora da sala, e eu ficava. Mas nada grave, mas, pela disciplina do contexto não acontecia muita coisa fora do normal¹².

Dessa forma, a disciplina estava presente no cotidiano dos estudantes dessa instituição e consistia num conjunto de dispositivos que fabricava corpos submissos e fazia os sujeitos permanecerem naquilo que era posto pelos dirigentes como normalidade. Veiga-Neto (2003, p. 84-85) salienta que

a escola encarregou-se de operar as individualizações disciplinares, engendrando novas subjetividades e, com isso, cumpriu um papel decisivo na constituição da sociedade moderna. A escola ‘foi sendo concebida e montada como a grande – e (mais recentemente) a mais ampla e universal – máquina capaz de fazer, dos corpos, o objeto do poder disciplinar; e assim, torná-los dóceis’; além do mais, a escola é, depois da família (mas, muitas vezes, antes dessa), a instituição de sequestro pela qual todos passam (ou deveriam passar) o maior tempo de suas vidas, no período da infância e da juventude.

No ambiente escolar, a sanção normalizadora operava por meio das práticas punitivas, tendo como desígnio corrigir aquele que estava fora da norma. Os alunos eram educados para enquadrarem-se numa determinada ordem. Dessa forma, os indisciplinados teriam de conviver com “a penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares, compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza,

12 Entrevista concedida por Maria Aparecida Zimmermann. Angelina, 25 de julho de 2013.

exclui. Em uma palavra, ela normaliza” (FOUCAULT, 1994, p. 163).

As práticas punitivas objetivavam, principalmente, diminuir os desvios, e, portanto, era exclusivamente corretiva. A punição funcionava como uma gratificação-sanção que se resumia num sistema de treinamento e correção. As recompensas e premiações podem ser compreendidas como estímulo aos que se desviavam da adequação às normas estabelecidas. Igualmente, o medo de ser castigado colaborava para o bom comportamento, resultando, assim, em uma ação decorrente do poder produtivo, do poder que leva à ação.

José Flávio Eli rememora que frequentou o Grupo Escolar Nossa Senhora do Sagrado Coração, da primeira até a oitava série e, sempre sorrindo, recorda as vivências escolares. Relembra que os alunos tinham de ter uma postura rigorosa, haja vista ter “uma freira galega, não lembro o nome dela, ela dava aula [...]. As freiras, a gente já sabia que tinha que ir tudo pelo certinho. Mas com aquela galega, eu sofria, não só eu, mas a classe toda. O pau comia”¹³. Roseli Maria assim relata sua experiência:

Quando mandavam (as professoras), principalmente, fazer uma leitura e ele não conseguia ler direito. Ou mandava fazer alguma conta que o resultado dava errado. Ou fazia alguma coisa que elas não gostavam, podia abrir a mão que eles iam dar com a ponteira nas mãos. Em mim, e pelo menos na minha sala o que eu vi, era nas mãos. Abria as mãos e eles davam com a ponteira de madeira¹⁴.

13 Entrevista concedida por José Flávio Eli. Angelina, 24 de maio de 2013. Desde a sua fundação, em 1927, a escola era dirigida por religiosas da Congregação das Irmãs Franciscanas de São José, tendo também professoras leigas.

14 Entrevista concedida por Roseli Maria Eli. São José, 30 de maio de 2013.

A variedade de instrumentos e objetos que podiam ser utilizados para castigar as crianças ficava de acordo com a criatividade do professor; ou ele poderia aproveitar o que tinha nas mãos. Os castigos tinham o objetivo de corrigir os desvios cometidos pelos alunos e, na falta de qualquer objeto disciplinador, Roseli conta que também poderiam ser utilizadas as unhas:

Castigo físico que eu tinha era beliscão na orelha. Se a gente fazia alguma coisa errada que a professora não gostava, que eu me lembre era isso. Ela deixava a unha do dedão, do dedo crescer, só pra beliscar a orelha dos alunos. Se fazia alguma coisa errada já era beliscão na orelha¹⁵.

Os castigos eram vistos como normais, de modo que aquilo que pensamos ter sido sofrimento é tratado pelos entrevistados de forma brincalhona, com piadas, tal como a que encontramos em documentos do arquivo do grupo escolar. O jornal “Por um Ideal” era um folheto mensal, de circulação interna. Nele havia a seção “Cantinho do Riso”, na qual eram publicados piadas e fatos engraçados vivenciados pelas crianças:

– Professora, podemos ser castigados por uma coisa que não fizemos? – Não, seria uma injustiça. – Pois bem, eu não fiz as lições (JORNAL POR UM IDEAL, 1958, n. 2).

Ao indagarmos os entrevistados a respeito de os pais terem conhecimento dos castigos, Norma Bunn afirma: “Os pais sabiam. E eles ainda diziam que era bem feito, que era merecido”¹⁶. No rastro dessa questão, no livro de atas das reuniões da Associação de Pais e Mestres, de 1951, discutiu-se o

15 Ibidem 14.

16 Entrevista concedida por Norma Bunn Goetmann. Angelina, 24 de julho de 2013.

seguinte tema: “A boa vontade – pediu a direção que os pais mostrassem boa vontade a respeito das exigências escolares. Que fossem amigos dos professores, auxiliando-os na educação das crianças” (ATA, 1951, s. p.). Além disso, no Regimento Interno do grupo escolar, em seu artigo 138, consta que é dever do aluno “acatar a autoridade da diretora, dos professores, e dos funcionários do estabelecimento e tratá-los com respeito”. O artigo 24 esclarece que a direção “reserve-se o direito de não renovar a matrícula do aluno que for manifestadamente incorrigível, colocando os documentos de transferência à sua disposição” (REGIMENTO, 1964, s. p.).

De acordo com os entrevistados, os professores eram os responsáveis por manter a ordem e a disciplina em sala de aula e em todo o ambiente escolar:

Naquela época, cada professor comandava a sua sala e os alunos. Tinha a diretora, eram levados os casos mais difíceis pra diretora, mas até então eles resolviam na sala de aula. Batiam ali e, quando era assim, no pátio entre todos os alunos, então ia para o gabinete da diretora. Naquela época era gabinete. Falava no gabinete, e as crianças já tremiam. A diretora pegava pesado. Não é que nem hoje em dia, eles brincam. Quando dizia: ‘vai pro gabinete’, eles ficavam assim, sem comer, preocupados, porque o castigo vinha¹⁷.

O poder é produtivo, produz ação, disciplina, estratégias e táticas. Os castigos no Grupo Escolar Nossa Senhora do Sagrado Coração eram motivados por várias razões, entre elas: “se o aluno não estudava direito, se não fazia os deveres de casa. Se não aprendia como se queria”¹⁸. Todavia, os

17 Entrevista concedida por Maria Elisabete Goetmann. São José, 30 de maio de 2013.

18 Entrevista concedida por Roseli Maria Eli. São José, 30 de maio de 2013.

alunos acabavam utilizando táticas, criando mecanismos diante dos castigos.

As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um ‘golpe’, aos cruzamentos possíveis de duração e ritmos heterogêneos etc. [...]. As táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder. (CERTEAU, 1998, p. 102)

Desse modo, havia a criação de maneiras diversas para alteração das normas. Os entrevistados relatam suas reações quando castigados e até como buscavam evitar a punição. Flávio lembra que “uma vez, uma professora, não sei por que, ela me bateu com a ponteira. Aí, eu peguei e quebrei aquela ponteira”¹⁹.

A narrativa de Flávio mostra que ele teve uma reação não previsível para o papel que deveria desempenhar como aluno naquele contexto. Entretanto, criou, no momento, uma alternativa de defesa, a qual lhe possibilitava escapar do controle exercido pela professora. Assim, as táticas funcionam como procedimentos diante das circunstâncias do instante, no qual a intervenção estratégica abre uma lacuna e a transforma em situação favorável para a ação dos sujeitos que são controlados.

As estratégias, por parte da direção e docentes, buscam produzir, classificar e impor. Por meio das estratégias, o sujeito detentor de algum tipo de poder intenta sustentar e determinar o poder de conquistar um “lugar próprio”. Certeau (1998) explica

19 Entrevista concedida por José Flávio Eli. Angelina, 24 de maio de 2013.

que tal posição de poder oportuniza, aos sujeitos instalados nesse lugar, a opção de imprimir ações e intenções aos demais envolvidos.

Por sua vez, as táticas revelam-se como pequenas vitórias ou golpes, que, com uma hábil utilização do tempo, facilitam aos sujeitos enfrentar a disciplina estabelecida. Foucault (1993, p. 25) igualmente alerta que “o grande jogo da história será de quem se apoderar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem se disfarçar para pervertê-las, que utilizá-las ao inverso e voltá-las contra aqueles que as tinham imposto”.

Outra tática dos alunos consistia em não ir à escola. Norma lembra que estavam tão cansados de serem castigadas que ela e mais um grupo de meninas simplesmente decidiram faltar às aulas por determinados dias.

Mandavam a gente fazer alguma coisa e se nós não sabíamos, era uma quantidade de castigo. ‘Quem sabe assim vai aprender’, era isso que elas diziam quando batiam. Por fim, nós não queríamos nem mais ir à escola. Ali, mais para baixo, perto da pastagem tinha um camburão grande, sabe o que nós fazíamos? Nós sentávamos lá embaixo e esperava pelo meio-dia pra ir pra casa. Um dia, nós recebemos um bilhete perguntando por que não tinha ido à escola. Os pais descobriram e levamos mais uma surra. Naquela época nós apanhávamos, mas parece que nada adiantava, porque no outro dia, fazia tudo de novo²⁰.

A falta à aula propiciou perceber “no voo as possibilidades oferecidas por um instante” e decidir por “utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão

20 Entrevista concedida por Norma Bunn Goetmann. Angelina, 24 de julho de 2013.

abrindo na vigilância do poder proprietário” (CERTEAU, 1998, p. 100-101). As memórias de Rainilda também apontam para um cenário no qual figuravam as táticas:

Me lembro de uma história com o meu marido, nós estudamos juntos. Eu não sei o que ele fez, ele desobedeceu à professora, eu não lembro muito bem. Ele veio disparado por aquela área afora, a professora atrás dele, querendo bater nele com a régua. Na época, os alunos apanhavam. E ele a toda, virou, e foi embora correndo. Acho que foi por causa de uma tabuada. Afinal, ele foi-se embora e cá em baixo ele ficou sentado esperando dar a hora da saída da escola. Isso era meio-dia. Esperou os outros alunos, quando nós chegamos, ele foi embora junto com a gente. No outro dia, quando ele voltou ao colégio, a professora parece que fez ele escrever cinquenta vezes a tabuada de cinco [...]. Pelo que eu lembro foi isso, cinquenta vezes a tabuada de cinco, porque ele desobedeceu à professora e saiu correndo para não apanhar. Mas parece que eu estou vendo ele hoje, correndo na frente da professora, e ela não alcançou. Mas no outro dia, ele ganhou o castigo, cinquenta vezes a tabuada de cinco²¹.

Os entrevistados demonstram que se utilizavam de ocasiões e espaços para a objetivação dos desejos; no caso, protestar contra os castigos a que estavam sendo submetidos. A vigilância estendia-se ao que acontecia fora do espaço escolar, principalmente no seu entorno. O trajeto entre casa/escola e vice-versa deveria ser feito com a maior polidez possível, pois trajavam uniforme escolar, o qual os identificava como alunos ainda mais facilmente.

O trajeto era percorrido a pé e, geralmente, caminhavam em pequenos

21 Entrevista concedida por Rainilda de Souza. São José, 30 de maio de 2013.

grupos, conversando e brincando pelas estradas sem calçamento e/ou sem asfalto. Certo dia, de acordo com Norma Bunn, no caminho de volta da escola para casa, ela carregava uma cesta com os cadernos e o penal, quando um grupo de meninos começou a provocar as meninas. Dona Norma relata ter jogado um penal na cabeça de um dos meninos e a confusão foi grande. Ao chegarem à escola, no dia seguinte, alguém já havia feito delação sobre o ocorrido:

Aí no outro dia, já chegou nos ouvidos da diretora o que nós tínhamos feito, aí era castigo. Elas falavam: bota a mão em cima da carteira. Botava ali e elas sentavam a régua e nós chorávamos de dor. Mas não tinha jeito, nós fazíamos todo dia, tudo de novo, e por fim elas não davam mais bola²².

Encontramos esse episódio registrado no livro de reunião de pais e mestres, ocorrida em 1951. A direção e professoras solicitavam que os pais colaborassem a fim de controlarem o “mau comportamento das crianças na estrada”, salientando que o assunto já havia sido debatido na reunião anterior (Livro de reuniões, 1951).

Considerações finais

Muito diverso do que se poderia imaginar, os entrevistados não rememoram seus tempos escolares com mágoas ou sofrimento; pelo contrário, falam sorrindo, como se estivessem contando piadas e divertindo-se, fazendo graça do acontecido e relembrando com saudosismo seus tempos no Grupo Escolar Nossa Senhora do Sagrado Coração. Enfatizam que, naquele tempo, as crianças sabiam como se comportar e entendiam que na escola era o lugar para adquirir conhecimentos, mas também para

22 Entrevista concedida por Norma Bunn Goetmann. Angelina, 24 de julho de 2013.

aprender a obedecer e viver em sociedade.

Em frases tais como: “naquele tempo era cada coisa no seu lugar, era tudo muito organizado”²³; “a educação era de forma muito exemplar assim, muito organizada e eu agradeço a educação que eu recebi no colégio”²⁴, o que nos leva a inferir que a ordem caracterizava aquele Grupo Escolar e que, para os entrevistados, foi aspecto imprescindível em suas vidas escolares e na formação para a vida como adultos.

Nesse sentido, havia o estímulo para o aluno se comportar a fim de que fosse digno de receber prêmios. Inferimos que, se por um lado alguém era premiado, por outro, alguém era punido. Os demais alunos, os que não atingiam o comportamento desejado pelos professores e pela direção, necessário para serem elogiados, eram penalizados. Assim sendo, incitar os alunos por meio de prêmios e elogios era um modo de classificar, estabelecer uma hierarquia entre os alunos e provocar à ação.

O castigo físico era parte constituinte de ser professor, e, mesmo sendo proibido por leis e decretos, continuava em vigência, pois

23 Entrevista concedida por Maria Elisabete Goetmann. São José, 30 de maio de 2013.

24 Entrevista concedida por Maria Aparecida Zimmermann. Angelina, 25 de julho de 2013.

era mais um recurso utilizado pelo professor com a finalidade de manter o controle e ensinar seus alunos a se comportarem nos bancos escolares e em sociedade. Em suma, o castigo objetivava disciplinar e punir o aluno que cometera uma falta, mas também servia como exemplo para os demais, para que evitassem sair da normalidade.

As leis e decretos elaborados para o trabalho nas instituições de ensino davam conta de como o castigo físico deveria ser substituído pelo castigo moral, já que este era considerado mais “leve” e adequado ao mundo moderno. No entanto, o que percebemos foi que, mesmo proibidos, os castigos físicos ainda permaneceram no âmbito escolar entre os anos de 1940 e 1975, e, estão presentes nas memórias dos entrevistados.

Por fim, distando aproximadamente uma centena de anos da narrativa sobre o Colégio Ateneu, podemos inferir que as memórias dos egressos do Grupo Escolar Nossa Senhora do Sagrado Coração são também uma “crônica de saudades”. Podemos inferir que nossos entrevistados, quando crianças, teriam ouvido palavras idênticas às ditas pelo pai do menino Sérgio, ao ser deixado na porta do Ateneu: “Vais encontrar o mundo [...]. Coragem para a luta” (POMPÉIA, 2006, p. 7).

Referências

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ARAGÃO, Milena; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Práticas de castigos escolares: enlances históricos entre normas e cotidiano. **Conjectura**, v. 17, n. 2, maio/ago. 2012, p. 17-36.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DALCIN, Talita Banck. **Em nome da disciplinarização e da ordem**: os castigos corporais nas escolas domésticas do Paraná (1857-1882). Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução: Raquel Ramallete. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GASPAR DA SILVA, Vera Lucia; SCHÜEROFF, Dilce (Org.). **Memória docente: histórias de professores catarinenses (1890-1950)**. Florianópolis: UDESC, 2010.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos. Um exercício memorialístico para falar sobre itinerários de pesquisa, tempo e memória. In: GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; COSTA, Giseli Paim (Org.). **Experiências de quem pesquisa: reflexões e percursos**. Caxias do Sul: Educus, 2010, p. 13-31.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

JORNAL Por um Ideal, n. 2, Angelina, 1958.

LIVRO de atas das reuniões pedagógicas, 1949-1960 e 1960-1969.

NUNES, Zilda Clarice Rosa Martins. **Memória e História da Educação: entre práticas**

e representações. In: LEAL, Maria Cristina; PIMENTEL, Marília (Org.). **História e Memória da Escola Nova**. Rio de Janeiro: Loyola, 2003, v. 1, p. 9-26.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

REGIMENTO interno do Colégio Nossa Senhora, 1964.

RELATÓRIO anual da Escola Reunida Professor João Secundino Peixoto, 1953.

RELATÓRIO anual do Grupo escolar Nossa Senhora do Sagrado Coração, 1960.

SCHÜEROFF, Dilce. **Os castigos escolares no ensino primário catarinense (1910-1940)**. 2006. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em História). Florianópolis. Universidade do Estado de Santa Catarina.

SOUZA, Rita de Cássia. **Sujeitos da educação e práticas disciplinares: uma leitura das reformas educacionais mineiras a partir da Revista do Ensino (1925-1930)**. 2001. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

Sobre as autoras:

Daniela Eli

Mestre – Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: daniela__eli@hotmail.com

Clarícia Otto

Professora Doutora da Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: clariciaotto@yahoo.com.br

Recebido em 17/05/2015

Aceito em 14/06/2015

